

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR PÚBLICO

THE INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM IN PUBLIC MAINSTREAM EDUCATION

LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES CON AUTISMO EN LA EDUCACIÓN PÚBLICA REGULAR

Andressa Lara Moreira¹
Jonas Pereira Leal²

Resumo

O presente trabalho, aborda a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular público, e a problemática consiste em descrever se o aluno incluso está assegurado do processo pleno de ensino-aprendizagem dentro de suas condições e diante de turmas numerosas. Essa pesquisa se faz necessária devido à importância de fornecer informações fidedignas quanto ao TEA, e assim, a partir de um diagnóstico correto possibilitar atendimentos adequados ao aluno, evitando que a falta de conhecimento por parte dos profissionais seja uma barreira para o seu ensino-aprendizagem. Dessa forma, a circulação de informações com bases científica servirá para instruir as pessoas de diferentes áreas interessadas no tema, conscientizar sobre para que não haja discriminação, preconceito e injustiças quanto a esse ser humano em todos os ambientes, pois devido a um estigma essa criança pode ser incompreendida em locais em que se encontra. A principal finalidade desse artigo é analisar o processo de Inclusão do aluno com TEA, e para isso utilizou-se como ferramenta teórica metodológica a pesquisa de cunho qualitativo do tipo bibliográfica, a qual fundamenta-se em autores com conhecimentos a respeito de sintomas apresentados pelo TEA e pretende-se dissertar sobre a Inclusão em escola de ensino regular público.

Palavras-chave: inclusão; autismo; ensino público.

Abstract

This paper addresses the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in public mainstream education. The central issue consists of describing whether the included student is guaranteed a full teaching-learning process according to their conditions and in the context of large classes. This research is necessary due to the importance of providing reliable information about ASD, so that, based on an accurate diagnosis, appropriate support can be offered to the student, preventing the lack of knowledge among professionals from becoming a barrier to their learning process. Thus, the circulation of scientifically grounded information will help educate people from different fields interested in the topic, raising awareness to prevent discrimination, prejudice, and injustice toward this individual in all environments, since, due to stigma, this child may be misunderstood in the places they attend. The main purpose of this article is to analyze the inclusion process of students with ASD, and for this, a qualitative bibliographic research method was used as a theoretical and methodological tool, based on authors with knowledge about the symptoms presented in ASD, aiming to discuss inclusion in public mainstream schools.

Keywords: inclusion; autism; public education.

Resumen

El presente trabajo aborda la inclusión del alumno con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en la educación pública regular, y la problemática consiste en describir si el alumno incluido tiene garantizado el proceso pleno de enseñanza-aprendizaje de acuerdo con sus condiciones y en el contexto de aulas numerosas. Esta investigación es necesaria debido a la importancia de proporcionar información confiable sobre el TEA, para que, a partir de un diagnóstico correcto, se puedan ofrecer apoyos adecuados al alumno, evitando que la falta de conocimiento por parte de los profesionales se convierta en una barrera para su proceso de aprendizaje. De este modo, la difusión de

¹ Licenciada em Pedagogia no Centro Universitário Internacional - Uninter.

² Professor no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

información con bases científicas servirá para instruir a personas de diferentes áreas interesadas en el tema, concienciando para evitar la discriminación, el prejuicio y las injusticias hacia este ser humano en todos los entornos, ya que, debido a un estigma, este niño puede ser incomprendido en los lugares donde se encuentra. La principal finalidad de este artículo es analizar el proceso de inclusión del alumno con TEA, y para ello se utilizó como herramienta teórico-metodológica una investigación cualitativa de tipo bibliográfica, fundamentada en autores con conocimientos sobre los síntomas presentados en el TEA, con el objetivo de disertar sobre la inclusión en la escuela pública regular.

Palabras clave: inclusión; autismo; educación pública.

1 Introdução

Esta pesquisa versará sobre a Inclusão de alunos com Autismo nas escolas públicas, esse tema tem se discutido muito dentro das instituições de ensino por profissionais da Educação e de diferentes áreas. Tem-se buscado o aprofundamento de suas causas e como é identificada a criança com Transtorno do Espectro Autista, para isso buscou evidências em artigos científicos, revistas eletrônicas, livros digitais e físicos, por meio de uma análise qualitativa e bibliográfica, obtendo dados e aprofundamento a partir de outros autores e pesquisadores da área.

Por essa razão, devido à necessidade de conhecimento acerca do assunto e tratando-se de um Transtorno o qual se apresenta de forma diferente em cada indivíduo, este texto abrangerá aspectos necessários para identificar o TEA, e em virtude de sua importância é necessária a circulação de informações corretas e científicas para instruir e deixar as pessoas bem-informadas, conscientes, que tratem a inclusão com respeito, sem discriminação, preconceito e injustiças relacionados a isso.

A Inclusão é um amparo que as crianças com TEA têm de estar matriculada no Ensino Regular, conforme verifica na “Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”, essa Lei também ampara o aluno para receber atendimento adequado como descrito no artigo a seguir: “VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis”, sendo assim, apesar das condições muitas vezes deficitárias das escolas, é preciso acolher o aluno com autismo dando-lhe oportunidade de integrar-se à turma.

A proposta desse artigo é analisar esse processo e descrever de que forma as Escolas e famílias trabalham para que o aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista se desenvolva de forma inclusiva e efetiva diante de turmas que são heterogêneas.

A realidade da maioria de salas de aula de ensino público é de turmas grandes, isso é um fator importante a ser ressaltado, devido às limitações de alunos com TEA, o que será explicado com mais detalhes ao decorrer deste artigo, então, é preciso levar isso em

consideração, pois pode haver prejuízos no ensino-aprendizagem caso esses direitos não sejam assegurados e se esse transtorno não for identificado precocemente.

A pesquisa tem por objetivo analisar o processo de Inclusão do TEA em Ensino Público. Descrever como é detectado o Transtorno de Espectro Autista antecipadamente, sem esperar muitos anos trazendo prejuízos à criança. Apresentar as Intervenções realizadas pela Equipe Multidisciplinar com aluno diagnosticado com TEA.

Desse modo, as constatações desenvolvidas neste trabalho são decorrentes de um processo de estudos feitos ao longo curso, e as referências citadas elucidam e sustentam esses conhecimentos adquiridos.

Os autores mencionados a seguir são autoridades no tema, possuem vasto conhecimento no campo Educacional, havendo diferentes Especialidades. Tratando-se de um transtorno, faz-se necessário apontar autores da área da Saúde que estão relacionados ao desenvolvimento da criança com TEA, logo, as pesquisas trabalham também dentro de uma perspectiva psicológica e neuro psicopedagógica.

Tudo isso, esses compilados, são essenciais para que o Professor que está em sala possa trabalhar de forma inclusiva, pois esses fundamentos contribuem pedagogicamente, integram conhecimentos relacionados à aprendizagem das crianças colaborando para que possam progredir, respeitando suas especificidades. Logo, farão parte desse artigo: Paulo Freire; Vygotsky, Ligia Maria Bueno Pereira Bacarin; Liubiana Arantes de Araújo, entre outros.

Com objetivo de situar o leitor no desenvolvimento do trabalho, esta pesquisa foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, discorrerá a respeito das manifestações apresentadas pelo Transtorno de Espectro Autista na criança. O segundo capítulo tem por objetivo apontar as Intervenções realizadas pela equipe multidisciplinar no atendimento do aluno com TEA. No terceiro e último capítulo, tem por objetivo apresentar a importância da inclusão no Ensino Público.

2 Metodologia

Para compor essa pesquisa, foi realizada a abordagem qualitativa utilizando técnica de obtenção de informações por meio de levantamentos bibliográficos em artigos científicos, revistas eletrônicas, livros digitais e físicos para que se obtenha clareza no assunto e que fundamente o tema dissertado.

Devido ao Transtorno do Espectro Autista haver diversas formas de sintomas, cabe um aprofundamento em autores renomados, portanto essa pesquisa como declara Fonseca:

Trata-se da consulta e apropriação por parte do pesquisador de material que já fora construído e publicado e que se encontra disponível para consulta, tais como livros e periódicos (revistas, revistas científicas, fascículos, entre outros). Existem também tipos de pesquisa que são integralmente construídas a partir de pesquisa bibliográfica, as quais normalmente buscam entender ou comparar diferentes posicionamentos sobre um mesmo assunto na literatura disponível (p. 18, 19, 2020).

Sendo assim, as coletas realizadas nesse artigo tratam de forma sucinta se pensar no vasto material científico disponibilizado, mas assume o papel de trabalhar questões de cunho Educacional, Político e social de forma autêntica a respeito de um Transtorno tão visto atualmente e assim tornando esse conhecimento acessível a partir de divulgações das informações.

3 Manifestações do Transtorno de Espectro Autista

Conforme citado pela autora Laís Pereira Khoury *et al.* e explicado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) compromete o desenvolvimento neurobiológico devido a diferentes desordens apresentadas no indivíduo, como pode-se verificar:

As condições citadas acima se apresentam de formas diferentes em cada criança, podendo então ter uma ou mais das condições acentuadas, assim como pode também não haver prejuízo em alguma delas ou manifestar-se em menor grau, nesse sentido é muito importante que sejam analisadas e feitas avaliações para que se possa dar um diagnóstico correto, bem como afirma Ligia Maria Bueno Pereira Bacarin: “o autismo possui diferentes manifestações, e para que os equívocos nos diagnósticos se tornem menos frequentes, há necessidade de que os profissionais que atuam com o TEA, cada qual em sua área, apropriem-se do conhecimento científico” (2020, p. 30).

A observação precoce do TEA auxilia no desenvolvimento global da criança e há a necessidade de um olhar atento dos familiares responsáveis e profissionais da Educação, saúde, que fazem parte do dia a dia das crianças, então alguns comportamentos atípicos denotam características do Espectro, conforme a autora Liubiana Arantes de Araújo. Ressaltam:

Alterações nos domínios da comunicação social e linguagem e comportamentos repetitivos entre 12 e 24 meses têm sido propostos como marcadores de identificação precoce para o autismo. Estes sinais clínicos já são identificados pela maioria dos pais a partir do primeiro ano de vida, porém, estas crianças muitas vezes só terão seu diagnóstico de TEA na idade pré- -escolar ou até mesmo escolar (2019, p. 4).

Ao falar-se de diagnóstico, cabe enfatizar que o apoio da família em conjunto com a escola é essencial para a criança, pois a partir de um encaminhamento ao especialista, serão

realizadas avaliações e terão acompanhamento e procedimentos adequados para detectar o TEA, e em caso de confirmar-se, os profissionais visarão melhores possibilidades de tratamento para a criança com uma equipe multidisciplinar.

A necessidade de investigação pode pautar-se na Pedagogia de Paulo Freire, pois visa a uma pedagogia progressista considerando o meio em que a criança está inserida, obtendo uma educação de ética, respeito à dignidade quanto ao discente, isso demonstra que é responsabilidade da família e escola buscar meios de estimular e contribuir para a formação da criança, como esclarece Freire (1996, p. 24) “A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado”.

Ao pensar-se sobre a formação da criança conforme Freire destaca, então é preciso conhecer as singularidades do Autismo para o caso de haver aluno com as características em sala, o professor estará atento aos comportamentos e repassará para a Direção, bem como reelaborar suas atividades para que o aluno tenha êxito e seja incluído socialmente.

O Autismo está sendo mais amplamente discutido nas mídias, e por meio de estudos podem-se considerar alguns sintomas mais recorrentes, tratando-se de uma síndrome e não uma doença, Mello aponta alguns sintomas os quais são essenciais conhecê-los para identificar a criança com TEA:

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo (p. 72, 2007).

Outra característica que apresenta é o hiperfoco, o aluno pode passar várias horas do dia falando do mesmo assunto, e geralmente saberá contar de forma abrangente sobre o tema, isso pode ser visto de forma limitante, mas também pode contribuir para a sua aprendizagem, a autora Nobre salienta em seu canal de autismo:

Os hiperfocos muitas vezes assustam familiares, que têm medo deles atrapalharem o processo de aprendizado e outros aspectos da vida de pessoas autistas. Por um lado, isso é verdade, estar com a mente focada em um assunto pode fazer com que quem está no espectro se esqueça até das questões de higiene pessoal e saúde, como alimentação, tomar banho e escovar os dentes. No entanto, inserir o hiperfoco no aprendizado pode ser uma ferramenta poderosa para ensinar autistas sobre diversos temas (s/p, 2022).

Ainda segundo a autora Mello, há alguns indícios na primeira fase da criança que tende a chamar a atenção do adulto quanto ao Transtorno, como pode-se observar em sua fala:

Normalmente, o que chama a atenção dos pais inicialmente é que a criança é excessivamente calma e sonolenta ou então que chora sem consolo durante prolongados períodos de tempo. Uma queixa frequente dos pais é que o bebê não gosta do colo ou rejeita o aconchego. Mais tarde os pais notarão que o bebê não imita, não aponta no sentido de compartilhar sentimentos ou sensações e não aprende a se comunicar com gestos comumente observados na maioria dos bebês, como acenar as mãos para cumprimentar ou despedir-se (p. 18, 2016).

Esses aspectos são algumas manifestações, não é possível fechar um diagnóstico somente com essas condições, mas reconhecer que algumas atitudes são esperadas por crianças típicas é fundamental para não causar defasagens ainda maiores na criança atípica.

De acordo com o que foi dissertado no texto até o momento, o Autismo é muito diversificado, apresentam variações divergentes em cada pessoa, por isso, é necessário um trabalho multidisciplinar para diagnosticar adequadamente e acompanhar o desenvolvimento escolar, físico, emocional e social da criança.

É necessário além da análise comportamental, realizar avaliações com critérios bem estabelecidos pelos profissionais das áreas que atuam com a primeira infância, conforme citado pelas autoras Silva e Mulick (s/p, 2009): “profissionais da saúde, educação e áreas afins, que tenham a infância como especialidade devem estar cada vez mais preparados para se deparar com casos de autismo nas suas práticas”, sendo assim, diante de tantas pesquisas e informações a respeito disso, é fundamental conhecer e não rotular as crianças com base em “achismos”.

Por fim, notoriamente os sintomas do Autismo não necessariamente de aspecto físico, o que necessita de mais percepção e conhecimento por parte dos profissionais e familiares para que se obtenha um diagnóstico precoce e assim a criança ter um melhor desenvolvimento escolar e para ocorrer esse desenvolvimento será exposto algumas observações no próximo item.

3.1 Intervenções realizadas pela equipe multidisciplinar no atendimento do aluno com TEA

No Brasil, de acordo com as pesquisas, ainda há muito a ser estudado e investigado sobre o TEA, muitas crianças são percebidas com TEA após entrarem na escola, por muitos motivos isso ocorre, o que se pretende destacar aqui é a importância de uma equipe multidisciplinar que irá avaliar cada caso e assim não prolongar o diagnóstico, pois como apresentam as autoras Zanon, Backes e Bosa:

Reconhece-se que uma parcela muito pequena da nossa população é diagnosticada antes dos três anos de idade, e isso, na maioria das vezes, se restringe aos grandes centros onde existem especialistas na área. Assim, presume-se que famílias com baixo nível socioeconômico e que residem em cidades pequenas do interior dos Estados têm formas muito limitadas de acessar uma orientação profissional especializada (s/p, 2017).

Desse modo, se o professor notar características, esse poderá conversar com a família e questionar sobre o que eles têm observado em casa no comportamento da criança, sem afirmar sobre o TEA, mas corroborar para que encaminhem a criança para avaliação, pois somente o médico poderá atestar e determinar conforme apontam Santos e Leite:

O diagnóstico do Autismo, portanto, só é aceito oficialmente por um médico ou uma junta médica seguindo os critérios do Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5). Ou seja, o diagnóstico é clínico, feito por um médico especialista, que leva em consideração os relatos dos pais sobre o comportamento da criança e observação desta em diferentes ambientes. Citando os fatores biológicos que ocorrem na condição Autista em quase 70% dos casos ocorrem deficiência intelectual e 30% apresentam crises de epilepsia. Para a marcação dos limites e riscos que o Autismo apresenta é fundamental a aplicação de testes de rastreio padronizados mundialmente (p. 6, 2022).

O professor é capacitado para trabalhar com metodologias que atinjam diferentes formas de pensar, cabe ressaltar aqui que o aluno com TEA possui peculiaridades no sentido de compreender frases com duplos sentidos, ou situações que não sejam concretas, é preciso intervir de forma clara e objetiva, como observa-se a partir da fonte citada pelas autoras Shihara, Tamanaha e Perissinoto :

Tais inabilidades podem ter influenciado o entendimento de contextos ambíguos já que os autistas tendem à uma interpretação literal sem realização de inferências. Essas falhas, portanto, acarretam a incompreensão de metáforas, ironias e trocadilhos, que requerem habilidades metalingüísticas e pragmáticas (p. 756, 2016).

Somando essa dificuldade de separar a realidade e o que é dito de forma metafórica, compreendendo de forma literal, há ainda o fator de mudanças de rotina que podem tirá-los do controle do que se espera, podendo apresentar mudanças de humor e comportamento, então ações do professor que possam facilitar a compreensão do aluno é um grande desafio, pois ele tenderá a prestar atenção em tempos mais curtos. Sobre a importância de manter a rotina pode-se analisar ainda de acordo com as autoras:

Outros pesquisadores descreveram que autistas possuem uma inabilidade em compreender truques e manejos metalingüísticos que compõem e enriquecem a linguagem, além disso, há dificuldades na capacidade de planejar e fazer mudanças nas suas próprias ações de acordo com um contexto inesperado ou desconhecido (p. 757, 2016).

Algumas das intervenções dissertadas não se prendem tão somente a natureza pedagógica no sentido de mostrar adaptação, flexibilização de atividades e mudanças e metodologias, mesmo porque isso é feito de forma muito específica para cada aluno, cada um tem suas singularidades, ressalta-se que as intervenções auxiliaram nisso no dia a dia do professor e da criança, mas as avaliações são essenciais para que o aluno com TEA tenha seus direitos assegurados, logo algumas ações são necessárias para isso, como se observa ainda nas falas de Santos e Leite:

Quanto às causas e as intervenções, muitas abordagens têm sido desenvolvidas, cada uma com diferentes filosofias e metodologias. As mais comuns consistem em uma combinação de terapia comportamental, terapia de fala e linguagem, e educação para pessoas deficientes nas escolas. Quanto ao tratamento, este deve ter por objetivo atenções psicossociais e intervenções educacionais, além do medicamentoso (p. 7, 2022).

Deve-se levar em consideração para o desenvolvimento do aluno áreas que ele domina e as que possui mais dificuldades e, também, atentar-se que esse aluno apreende de forma literal em muitos casos, pois a imaginação, a subjetividade também é um aspecto que precisa ser trabalhado, a criança tem dificuldade de separar esses dois lados. Mas a partir de temas de seu interesse é possível trabalhar naquilo que está mais defasado, bem como tratar aspectos que acometem a linguagem, para isso, além do exame é preciso descrever com mais detalhes os protocolos realizados com especialistas para ajustar em sala atividades apropriadas, sendo assim as autoras Vital *et al.*, afirmam:

Uma vez aventada a hipótese de um TEA, o paciente deve ser investigado de forma abrangente por equipe multidisciplinar constituída por médicos (neurologista, psiquiatra, geneticista), psicólogos, fonoaudiólogos e, na dependência de problemas pontuais de alguns pacientes, profissionais de outras áreas. Essa investigação deve se propor a confirmar o diagnóstico, bem como a identificar eventuais comorbidades e a fornecer uma visão abrangente dos prejuízos e das habilidades presentes, pois somente dessa maneira pode ser formulado um plano de tratamento que atenda ao paciente e a seus familiares. Esse plano deverá atender às necessidades específicas de cada paciente e estar baseado em procedimentos que tenham evidência científica de aplicabilidade e eficácia (s/p, 2015).

Como avaliadas anteriormente algumas condições do TEA percebe-se o quão necessário são as intervenções, elas devem ser realizadas para melhores estímulos à criança na fase de escolarização visando melhoria também para a sua vida em extensão a escola. Uma abordagem muito difundida é a TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children* - Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com

Déficit relacionados à Comunicação) que tem se mostrado muito benéfica para a criança com autismo promovendo mais autonomia, independência segundo o que consta o autor Tomazini:

Para que isso ocorra, eles modificam, organizam e adaptam o ambiente de uma forma que facilite a compreensão e o aprendizado da criança, para que assim elas consigam entender de forma clara o que se espera delas. Para isso o ambiente físico é organizado com rotinas em quadros, painéis ou agendas, são utilizados auxílios não verbais, mas visuais, e muitas vezes transmitidas por figuras e fotografias que a criança possa observar e manipular nas paredes. Também são levados em conta recursos audiovisuais e audiocinestésicos visuais. Atualmente esse método é reconhecido internacionalmente por ter obtido ótimos resultados com os pacientes testados (p. 566, 2018).

Por fim, nota-se que uma equipe preparada pode fazer toda diferença na aprendizagem dos alunos com essa necessidade, denotando a importância da rotina para uma criança autista, isso faz parte do processo de inclusão, em que a professora realmente incluirá o discente às suas práticas com a turma, evitando também barulhos estridentes, pois devido isso ser uma das características, pode então aumentar a irritabilidade em alguns casos. É importante adequações que visem atenuar sintomas de ansiedade, angústia por não conseguir dizer o que pretende dizer ou fazer de forma esclarecida.

3.2 A importância da Inclusão no Ensino Público

A Inclusão traz um olhar mais cuidadoso quanto às práticas educacionais, pois o aluno com Autismo terá direito a recursos próprios para atender às suas demandas, e assim os profissionais passam a buscar mais conhecimento e mudanças em seus métodos, como constata Cabral e Marin:

O Brasil, o governo criou políticas e diretrizes que proporcionaram as condições de acesso aos espaços e aos recursos pedagógicos necessários à inclusão. Além disso, viabilizavam ferramentas que apoiam os profissionais na atuação e na compreensão da inclusão escolar, bem como no processo de organização da aprendizagem com vistas à valorização das diferenças, de forma a atender às necessidades educacionais dos alunos (s/p, 2017).

As relações entre as pessoas são estudos que apontam benefícios cognitivos, psicológicos para o sujeito por meio de interações sociais, como orientam as autoras Höher Camargo e Bosa:

Da mesma forma, proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, subjacente ao conceito de competência social está a noção de que as habilidades sociais são passíveis de serem

adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Entretanto, esse processo requer respeito às singularidades de cada criança. Diante dessas considerações, fica evidente que crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil (s/p, 2009).

Segundo as autoras, as trocas estabelecidas entre um indivíduo e outro são significativas, mesmo que a criança com autismo tenha suas limitações sociais e de linguagem, ela fará parte de interações que podem auxiliar nas suas habilidades e ajudá-las a desenvolvê-las no decorrer de sua escolaridade. Ainda de acordo com Höher Camargo e Bosa:

A convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, possa oportunizar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com as diferenças (s/p, 2009).

As autoras Nascimento e Amaral ressaltam a partir de influências em estudos de Vygostky que o coletivo é essencial para a maturação do cognitivo, o autor expõe o papel do outro, a comunicação como parte da construção do conhecimento:

Nesse sentido, a perspectiva sociointeracionista configura a aprendizagem num cenário no qual as relações sociais constituem o elemento fundamental do desenvolvimento e, por essa razão, a coletividade viabiliza um espaço para o diálogo e para a consolidação de práticas cotidianas, potencializando papéis e avanços cognitivos a cada um (s/p, 2012).

É necessário enfatizar que a falta de comunicação social, a falta de interação são alguns dos sintomas que acabam afetando a aprendizagem da criança, então o convívio com o outro e com o professor em sala são estímulos para a criança com autismo, pois por meio de interações sociais, escolhas de atividades bem elaboradas, com objetivos bem definidos e pensados para os problemas encontrados pela criança, ela poderá dentro de suas condições e com mediação executá-las, então a comunicação e comportamento se articulam para o desenvolvimento humano. As autoras Lemos e Salomão *et al.* consideram que: “os indivíduos com autismo apresentam prejuízos nessas áreas, cabe aos profissionais, que com eles trabalham, utilizarem estratégias que contemplem a aquisição de habilidades que são pré-requisitos para que outras se efetivem”, então essas considerações evidenciam a importância do aluno com autismo no ensino regular.

A escola precisa conhecer o seu aluno para traçar estratégias aplicáveis, pois esse é o segundo ambiente de maior interatividade, então é importante haver metodologias eficazes. Com base no artigo realizado pelas autoras Weizenman, Pezzi e Zanon (2020) a partir de uma perspectiva de professoras de escola pública, elas apontaram que alguns sentimentos como

medo e insegurança são inquietações que afetam o ensino-aprendizagem. As autoras concluíram que: “As falas evidenciaram que os sentimentos estavam relacionados especialmente a falta de conhecimento sobre a temática”. Assim, elas apontam também *apud* Sousa (2015) “Esse pensamento é ratificado na literatura quando afirma que muitos professores demonstram insegurança por não ter conhecimentos suficientes para trabalhar com alunos que possuem TEA”, como demonstram a autoras a escola e todos que a compõe fazem a diferença para que a criança progrida nos seus estágios de aprendizagem.

Diante das inúmeras diferenças entre uma criança e outra é preciso empenho, adaptação de currículo, planejamentos bem estruturados, dedicação por parte de todos os profissionais que atuam na área, e é nesse ponto que as escolas públicas devem se preparar, pois conforme relata o autor Oliveira (s/p, 2001): “Um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às necessidades educacionais especiais dos alunos”.

Como um dos tópicos principais aqui é discorrer a respeito da inclusão, é primordial que se fale também sobre profissionais capacitados para atender os alunos com autismo, por isso, a formação continuada é fundamental nesse processo de desenvolvimento e aprendizado, e concomitantemente imprescindível conhecer bem o seu aluno incluso.

Dentro desse cenário há também as angústias da família e por isso é tão importante que a escola seja esclarecedora, acolhedora, para que os pais se sintam confiantes ao deixar seu filho na instituição, a inclusão deve ocorrer de forma humana, considerando aspectos emocionais da criança. A atribuição da escola nesse sentido é fazer intervenções coerentes, por essa razão, foi necessário dissertar a respeito das posturas, metodologias, diligências empreendidas pelo corpo docente e equipe multidisciplinar para garantir um sistema inclusivo.

4 Considerações finais

Ao longo desse trabalho buscou discorrer sobre o contexto da inclusão do aluno autista dentro do ensino regular público, devido às inúmeras pesquisas abordarem essa perspectiva, é relevante falar que muitas ainda são as dificuldades encontradas na escola, pois a partir do momento que recebemos os alunos é necessário que o professor tenha um olhar “clínico” em sala e atentar-se aos comportamentos de seus alunos, porque tendo conhecimento dos sintomas de uma criança atípica, é possível fazer os encaminhamentos adequados após as observações e comunicar à equipe pedagógica, visando então contribuir para o seu desenvolvimento no ensino-aprendizagem.

Portanto, pesquisar, se informar, é o mínimo que os professor pode fazer, pois a partir da suspeita, poderá pensar em mudanças de currículo e das metodologias, algumas das características do TEA são: não fazer contato visual, não gostar do toque físico, fazer movimentos repetitivos, repetir as últimas palavras (apresentar ecolalia), movimentos estereotipados, brincar com o mesmo brinquedo na maior parte do tempo enfileirando ou seguindo o mesmo padrão, ter hiperfoco em um tema, exemplo: animais, dinossauros... esses são apenas alguns, a partir disso é possível procurar os profissionais para auxiliarem, mas também é necessário enfatizar e ter cautela, pois somente uma ou duas condições não bastam para denominar o TEA, e também é imprescindível o professor não repassar um diagnóstico ao familiar, visto que isso cabe ao médico.

Dentro disso, salienta-se a importância de os profissionais possuírem formações continuadas, visto que esse transtorno ainda não possui uma única forma de manifestação, e como descrito, não é uma deficiência física, que pode ser percebida pelo olhar, mas devido aos níveis em que se apresenta, logo precisa ser investigado por uma equipe multidisciplinar.

Seguindo esse excerto, uma equipe poderá tratar das particularidades mais defasadas da criança, visto que o TEA pode acometer a linguagem, a interação social, a coordenação motora, o cognitivo etc., nesse sentido, para haver sucesso nos tratamentos e também na aprendizagem a criança precisa frequentar esses especialistas, o que nem sempre ocorre devido algumas condições como, cidades mais no interior ou famílias de poder aquisitivo mais baixo, enfim, isso acaba atrasando o desenvolvimento do aluno.

Cabe dizer que mesmo que as desconfianças do professor sobre o TEA estejam corretas, o aluno terá suas habilidades melhores estimuladas a partir de um laudo, pois assim ele passará a ter um profissional de apoio, visto que a inclusão é para que o aluno possa participar, mesmo que seja mais reduzida suas condições de registros, mas é um direito dele de ter auxílio e assim progredir na aprendizagem e além disso, que ele possa ter a equipe multidisciplinar para atendê-lo, embora saibamos que aqui no Brasil não é essa a realidade de todos com necessidades especiais.

Ao pensar no progresso da aprendizagem e em intervenções apropriadas em sala de aula, é indispensável que o professor conheça o seu aluno, para que busque melhores formas de elevar suas capacidades e potencialidades, não é uma tarefa fácil, é importante buscar meios alternativos diferentes dos alunos típicos, pois essa criança pode sair muito prejudicada quando se espera que ela desempenhe a mesma atividade dos demais.

É preciso pensar no desenvolvimento global do aluno, sendo assim, a inclusão deve acolher a criança com autismo proporcionando uma rotina em sala, melhorando o ambiente,

pois em uma turma muito numerosa e agitada faz com essa criança perca a concentração facilmente.

O trabalho em conjunto traz mais qualidades nos resultados, o professor não consegue sozinho atingir todas as áreas que precisam ser desenvolvidas, e sendo a linguagem um dos principais meios para a socialização, aprendizado, fica então um compromisso de todos: escola, família, equipe multidisciplinar e do governo, facilitar o acesso aos profissionais para as crianças que precisam de atendimentos especializados.

Referências

- ARAÚJO, L. A. de. **Transtorno do Espectro do Autismo**: Manual de Orientação. Nº 05. Rio de Janeiro: Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, Sociedade Brasileira de Pediatria, abr. 2019.
- BACARIN, L. M. B. P. **Transtorno do espectro autista**. Curitiba: Contentus, 2020.
- BRASIL. **Lei n.º 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 26 jan. 2023.
- CABRAL, C. S.; MARIN, Â. H. Inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática Da Literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, e142079, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698142079>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LwWNFfpwcvWRvdwLTkMvdWF/?lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65-74, abr. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/KT7rrhL5bNPqXyLsq3KKSgR/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- FONSECA, J. J. S. da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Revisado em 2002).
- ISHIHARA, M. K.; TAMANAHA, A. C.; PERISSINOTO, J. Compreensão de ambiguidade em crianças com Transtorno Específico de Linguagem e Fala e Transtorno do Espectro Autista. **CoDAS**, v. 28, n. 6, p. 753-757, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015260>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/3trwMMZmFTW77nZ7wqk89Kk/?format=pdf=&lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- KHOURY, L. P.; *et al.* **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**. São Paulo: Memnon, 2014.

LEMOS, E. L. de M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; RAMOS, C. S. A. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 1, p. 117-130, jan./mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/GS4c9BPW9PW8ZqzBGjx7Kzj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2023.

MELLO, A. M. S. R. de. **Autismo**: guia prático. 5. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

NASCIMENTO, J. M. de; AMARAL, E. M. R. do. O papel das interações sociais e de atividades propostas para o ensino-aprendizagem de conceitos químicos. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 18, n. 3, p. 591-610, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132012000300006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/Q3vhc4tXXZM9YRh7s4X3By/?lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2023.

NOBRE, A. O modo de pensar das pessoas com autismo: iniciando o processo de aprendizado. **Canal Autismo**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/artigos/o-modo-de-pensar-das-pessoas-com-autismo-iniciando-o-processo-de-aprendizado>. Acesso em: 28 jan. 2022.

OLIVEIRA, F. L. de. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, 8 set. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 24 jan. 2023.

SANTOS, A. A. S. dos; LEITE, D. S. Inclusão de alunos com autismo no ensino regular: análise em uma escola de ensino fundamental. **SciELO Preprints**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4471>. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4471/version/4728>. Acesso em: 28 jan. 2023.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 4, p. 26-35, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/RP6tV9RTtLNF9fnqvrMVXk/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

TOMAZINI, A. S. **A neurociência e seus benefícios na educação da criança autista**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2018.

VITAL, A. A. *et al.* **Contribuições para a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais**: Estudos interdisciplinares em educação e saúde em alunos com Transtorno do Espectro do Autismo. São Paulo: Memnon, 2015.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, A. S.; ZANON, R. B. Inclusão Escolar e Autismo: Sentimentos e práticas Docentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 27, e49103, p. 1-13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2023.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais, familiares e da criança. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 34, n. 1, p. 153-164, mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n1p164-175>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872017000100009. Acesso em: 27 jan. 2023.

Data de submissão: 14/05/2026

Data de aceite: 28/05/2026